



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 15 Julho de 1978 * Ano XXXV — N.º 896 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PAI AMÉRICO

Vinte e dois anos, já!

As perturbações do tempo presente actualizam as angústias que então o iam «dilacerando», a apressar o fim do desgaste, que é a hora da libertação e do triunfo dos Justos.

Na festa do Coliseu, poucas semanas antes, a sua voz cansada dissera já por que morrem os homens para quem viver é um exercício contínuo e progressivo de amor: «É o coração que mata a gente... Mata... Eu sei que mata... Mata...!»

As leis dos homens não dispensaram autópsia. Os médicos declararam uma embolia. Mas a razão estava dita: «É o coração que mata...» Não a víscera! Essa pára num instante. A sede do amor, a potência de amar, essa, sim, vai declinando para o ocaso dos nossos horizontes no caminho de uma aurora maravilhosa que, logo ou depois, segundo a justiça de Deus, sobe ao zénite eterno onde permanecem aqueles cuja passagem no mundo foi luz!

Os mandamentos de Deus não são somente os que aprendemos no catecismo. Jesus não veio abrogar nem uma vírgula, nem um ápice do que estava dito e escrito; mas veio acrescentar: «Vós sois a luz do mundo. Vós sois o sal da terra». Quem recusou sê-lo, não quero dizer que tenha escolhido a condenação; mas seguiu o caminho do olvido, como aquele jovem a quem faltou, apenas, vender tudo quanto tinha e dá-lo aos Pobres, para ficar livre e bastante armado, para seguir Jesus. O jovem partiu triste e perdeu-se para sempre do conhecimento dos homens; e deixou turvo de tristeza o olhar do Mestre que o tinha fixado com amor.

Provocações de Deus! Feliz o que as aceita e se despoja para seguir até ao fim o Filho do Homem! O que não teme a luz e declara guerra sem tréguas a todas as emanções de

trevas que constantemente teimam em emergir da sua pobre e comum humanidade. Esse irá sendo a luz que o Senhor lhe imputa ser: luz da Luz que Ele é. Esse não se refugiará nas doçuras com que as variedades do mundo seduzem e iludem os cultores da vulgaridade. Opta por essa coisa trivial e amargosa que é o sal — tempero imunizante de corrupção e remédio das tensões baixas do homem que quer passar no mundo na alta tensão da vida divina. Daí a luz intensa e inextinguível. Daí a energia sobre-humana de homens como os outros... e apesar disso capazes de ultrapassar em obras que incarnam o amor verdadeiro a que todos são chamados, as medidas do Homem. Estes os que aceitaram o desafio: «Sois luz... Sois sal!»

Eis a raça de Pai Américo. «Que pena ter morrido...!» «Que pena não haver muitos como ele...!» — ouvimos tantas vezes. «Que pena ter morrido» — não. A morte é condição de Eternidade e seria egoísmo estulto querer amarrá-lo entre nós, mais do que Deus achou devido. Não foi preciso mais tempo para que o mundo lhe tenha ficado altamente devedor. E Lá, sabemos-lo intercessor, anjo tutelar. Continuamos a dever.

«Que pena não haver muitos como ele» — isso sim. Um homem Social, porque escolheu por meta ser irmão dos homens. Um homem fecundo porque escolheu por caminho a Humildade, a Robreza, a Verdade, o Serviço — a Liberdade.

Eis a raça de Pai Américo — a dos construtores de uma Sociedade de homens-irmãos, de homens-livres, de homens-felizes, porque metafisicamente certos da vitória na luta que à vida pertence ser.

«Se houvesse muitos como ele...» — dizem os homens que

não perderam o encanto do Bem. Abstraindo de si mesmo e tomando como premissa viva um Francisco de Assis, um Vicente de Paulo..., remataria Pai Américo muito ao seu jeito: — Outro gafo nos cantaria!!

Padre Carlos



AGORA

É costume por esta altura fazer sair a Proclamação que em 1951 começou e bem queríamos nunca mais tivesse fim!

A verdade é que teria hoje muito pouco que dizer de tão poucas presenças que se juntaram. Mas não deixo passar a tradição. Vai esta carta, sem tirar nem pôr. E veremos as respostas que ela suscita, a ela e não só, em ordem a um próximo e concorrido cortejo.

«Existe, nesta paróquia, um caso de miséria total e extrema, a que um grupo de cristãos, por razões de Evangelho, decidiu aplicar-se. Trata-se de uma família de 7 pessoas, sem nada de nada, a viver num pardeiro de mistura com uma outra de 5 pessoas, na maior promiscuidade.

A paróquia doou gratuitamente aos próprios (1.ª família) um terreno para construção de casa e quintal. O grupo percorreu as casas da paróquia, uma a uma, e conseguiu, até ao momento, cerca de 100 contos.

A casa está já em construção. O trabalho, até agora, tem sido todo realizado gratuitamente por pessoas da paróquia e outras vindas de fora, inclusivé da cidade do Porto. Mas está a chegar a hora do aperto. Por isso, o grupo solicitou-me no sentido de expor o problema à Casa do Gaiato e outras Instituições, a pedir ajuda.

Poderá a Casa do Gaiato fazê-lo? Em que condições? Que outras Instituições conhecem que nos possam ajudar?

Eis o assunto que me atrevo a expor-lhes, ficando à espera da resposta que possam dar-me.

Com os meus melhores cumprimentos.

O Pároco»

E querem ver mais outra, a título de exemplo como a primeira, ambas chegadas no correio de hoje, a engrossar a já longa bicha de tantas outras em esperança de resposta eficaz?...

«Como pároco desta freguesia, certifico que F. resolveu construir uma casa de habitação para si, sogra, dois filhos, de um ano e três anos, irmãos e um cunhado, pessoas estas a seu cargo e a morar com ele. Ora como a casa onde habita é muito pequena, sentiu necessidade duma maior que não encontrou, pois as habitações escasseiam muito nesta região. Como a Junta da Freguesia lhe cedeu terreno gratuito para a construir, lançou-se à obra e já tem paredes no ar, mas necessita de auxílios para os telhados da casa, que me diz ir ter 4 quartos, cozinha, sala de jantar e quarto de banho. Como a Obra do Gaiato costuma conceder um auxílio a pessoas que dele têm necessidade, o pároco declara que esta é uma delas e, em nome dele e da família, agradece desde já o que lhe possa oferecer.»

Padre Carlos

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O recoveiro dos Pobres tem de ser bota de elástico para aceitar (ou compreender) certos comportamentos. Ai de nós se não agíssemos assim, com os Pobres!

Que importa que o mundo — ainda hoje... — por diversos preconceitos, rejeite este procedimento; que importa?! «Deixemos os mortos enterar os mortos»...

Isto vem a propósito de um octogenário, figura típica da Terceira Idade, que não acadima em parte nenhuma, que resiste a quase tudo, a quase todos; cuja única promoção e integração no meio, depois de muitas tentativas, foi (é) a feliz ideia de abancá-lo, a preço módico, por conta dos nossos Leitores, na mesa do viajante, do proletário, do caminhheiro, em uma secção de comestíveis de um café.

Ora, como a gestão do estabelecimento mudou de mãos, o proprietário, no acto da retoma, não espera por nós, não esquece o Pobre! Vem ter connosco, como se ele, o pobre velho, fosse do seu sangue, combinar uma saída airosa e oportuna, durante os dias de encerramento da porta, por motivo d'obras.

Puxámos pela cabeça e descobrimos, aqui bem perto, ao lado da residência de outro recoveiro dos Pobres, local idêntico para subsistência do octogenário.

Abordámos o dono da loja. Que sim. «Só quinze dias ou mais... Mas comerá do meu prato, que fica mais barato» — disse em tom solene.

Gostámos do modo e da fala, que o homem esquece a sua condição de comerciante, na mesma linha do outro que, em seu agir, tem sido óptimo apoio.

São acções discretas, salutares. Uma forma prática, acessível, de se procurar — por necessidade — dar aos homens, a todo o Homem, ocasião imediata de partilhar um pouco de si mesmo. Uma forma de mostrar às almas que podem, ser ocasião de darem a mão aos Prostrados. Não importa como, quando, aonde. Importa, só, que o Outro precisa, e nós precisamos muito mais de nos dar...

O mundo não anda mais direito exactamente porque, burguêsmente, nos fechamos em nossa concha, atendendo primeiro o que é nosso, ou... enfiando a cabeça na areia como o avestruz, e «os Outros que se amolem» — como diz o povo, em sua rude mas bem expressiva linguagem.

PARTILHA — Uma carta de Coimbra, com nota de 500\$00 remetidos por vale de correio, afirma:

«Estou a contar fazer umas férias fora e lembro-me dos Pobres que nem para o dia-a-dia muitas vezes conseguem umas migalhas. Logo que me seja possível mandarei mais e peço a Deus nos ajude a todos.»

Não é Caridade, mas acto de Justiça de uma alma cristã. E isso diz tudo.

De Lisboa, rua das Amoreiras,

200\$00: «habitual ajuda dos meses de Maio e Junho com um atraso de que peço desculpa».

Delicadeza cristã!

Outra vez Coimbra — onde o Pai Américo tarimbou... — agora com 250\$00 para «uns velhinhos, em memória de meus Pais (Helena e João), para quem peço uma oração».

São votos que procuramos cumprir, em nossas pobres orações.

«Uma portuense qualquer» aparece regularmente, desta feita com 150\$00 «migalhinha relativa ao mês de Junho».

Aí temos 500\$00 do assinante 9790, de Oliveira do Douro, com o pedido de «uma oração ao Senhor da Messe pelo descanso eterno dos nossos Avós».

Mais 150\$00 do assinante 17022. E um pesado cheque de um Vicentino lisboeta, que aparece sempre na altura própria! Com licença presumida, extraímos de sua carta o seguinte passo:

«É O GAIATO o arauto de que o Senhor se serve mais usualmente para me enviar a Sua mensagem de apelo à solidariedade cristã e partilha fraterna em prol dos Irmãos necessitados de ajuda.»

Sentia-me algo desolado por, já há bastante tempo, nada encontrar que me despertasse especial atenção. Como vicentino sentia-me inútil...»

E O GAIATO de 1 de Junho motivou-o a estender a mão. E aqui vai, feliz, este nosso Amigo, correspondendo à necessidade dos Outros. Feliz! Não há maior felicidade que esta de podermos servir!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTIVAL AMADOR DA CANÇÃO — O vencedor foi o grupo que se pode ver na gravura. Ganharam em interpretação e música, porque o prémio da melhor letra foi atribuído ao Álvaro Candeias pelo poema que transcrevemos:



Eis o grupo vencedor do Festival Amador da Canção

A VIAGEM MAIS LONGA

Caminho

Pelas estradas da vida

E passo a passo

Rasgo a existência

De tempo e de espaço.

Transporto

Caminhos de terra e mar

De velas ao vento

Ao acaso invento

As rotas do pensamento.

Bocado de esperança como vós;

Viajo na nau do casco redondo

Na ousada missão

De tomar de assalto o futuro.

Timoneiro ao leme,

Construo de vagas desfeitas,

Arriscados azimutes

— Haja tirano que me detenha!

Que ouse com golpes de escárnio

Desmoronar construções feitas de in-sónias.

Não durmo! Penso! Venço!

Porque eu, naco de esperança,

Construo existência aqui,

E para além... no infinito.

E passo a passo

Rasgo a existência

De tempo e de espaço.

Aqui está o belo poema que conseguiu o primeiro lugar.

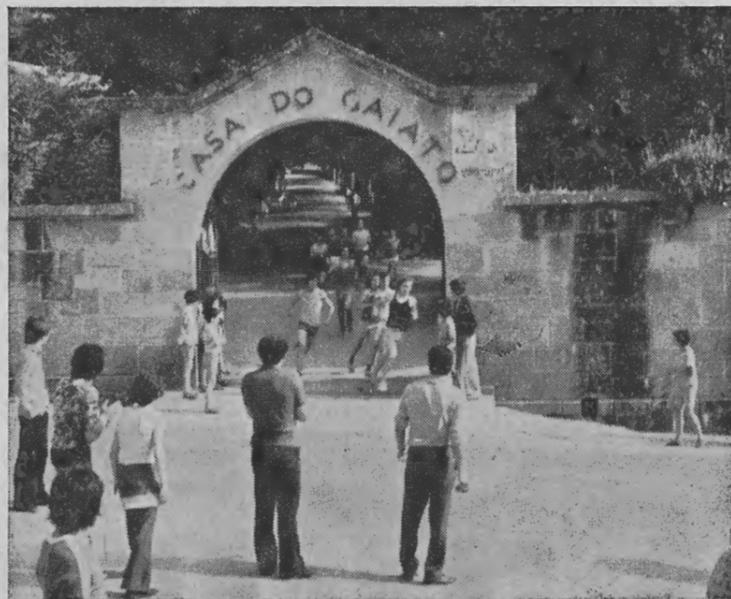
Note-se que estas letras, músicas e interpretações são todas originais, nossas.

Os júris foram rapazes nossos já casados e amigos da Obra.

Zé Gomes e mulher, Zé Alves e mulher, sr. Armando, nosso professor de Estética gráfica e mulher, o sr. Albano Jorge, engenheiro nosso amigo da fábrica Cinca, e mulher. Esta foi a constituição do exigente Júri.

O salão esteve cheio e o ânimo foi bastante.

O público nosso vizinho e os nossos Rapazes gostaram imenso até porque depois já trauteavam quase todas as canções.



Uma imagem do Festival Desportivo/78

Obrigado principalmente ao Júri por terem vindo até horas tardias.

Parabéns a todos os concorrentes, em especial aos vencedores em Interpretação, Música e Letra.

ÉPOCA BALNEAR — Num dos números anteriores falei acerca das praias e dos nossos mais pequenitos que começavam já a falar sobre o caso e a perguntar por baldes, pás, etc.

Pois bem, eles já estão na praia em companhia da D. Maria Angélica.

Essas pás e baldes chegaram mesmo a tempo através da Escola Primária de Vila Boa do Bispo (Marco de Canaveses). Deram-nos respectivamente: 10 patinhos, 40 baldes, 20 pás, 20 ansinhos e 5 bolas.

Muita amabilidade por parte desta escola!

Agradecemos. Aliás não há palavras que cheguem para o vosso tão belo acto de camaradagem e amizade.

Obrigado!

FRUTA — Este ano não houve nada de especial em relação à fruta.

As ameixas que colhemos, já foram comidas.

As maçãs, as peras e os pêssegos, que não devem ser muitos, aguardam época própria, a maturação.

Vamos ver se o trabalho da sulfatação compensa!

LEMBRANÇA — A época de Verão é de muitas visitas e de piqueniques na nossa quinta.

Os nossos pequenitos é que varrem as ruas e com as padiolas carreiam o lixo para a nossa lixeira.

Isto vem a propósito do descuido de alguns dos nossos estimados visitantes que vêm cá comer e depois, por distração, deitam os papéis e os sacos de plástico no chão. Isto dá trabalho aos nossos pequenitos, que não têm descanso.

Apelamos para que sejam mais cuidadosos, até porque há vários caixotes do lixo bem próximos dos jardins com mesas de pedra para merendeiros.

Obrigado, na certeza de que compreenderão!

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Pouco a pouco continuam a chegar alguns donativos para os nossos instrumentos.

De Setúbal, 100\$00; 250\$00 do Porto, de uma anónima; Laurentina Silva com 100\$00; Coimbra marca presença com 400\$00 e estas palavras: «Serão para ajuda da compra de instrumentos musicais para os «nossos Rapazes».

Foi com imensa alegria que vi os meus 2 filhos, passarem de ano, e, como tal, quero contribuir para a felicidade dos outros...»

De Tancos, 3.000\$00 do P.e António Pinto Nunes.

Queríamos referir que muito do dinheiro que recebemos até agora já se gastou na compra de uma nova bateria e uma viola de caixa electrificada que serão mostradas aos leitores através de uma zinco-gravura que publicaremos num dos próximos números.

Entretanto, e como ainda não temos dinheiro suficiente, aguardamos a melhor oportunidade para comprarmos um sector de baixo (viola e amplificador).

No que respeita a música vão notícias do Festival Amador da Canção que se realizou neste recente Festival Desportivo/78.

«Marcelino»

Venda de O GAIATO no Norte do País

É a primeira vez que escrevo para o «Famoso»!

Começo por Braga onde vendo 200 jornais e onde as pessoas me recebem com muito carinho.

O Cipriano sai de Casa com 130 jornais para Amarante, onde os passa bem, quando quer...

O «Papagaio» leva 170 jornais para



a Póvoa de Varzim e podia despachá-los todos. Mas...

O Emílio vai para Viana do Castelo com 180 jornais. Ele agora tem sido um vendedor extraordinário. Parabéns ao Emílio.

O Mendão é o rapaz que vende em Aveiro. Despacha 500 jornais! Parabéns também ao Mendão.

O «Riera» tem sido um vendedor bem comportado. Leva 200 jornais para Espinho, onde os despacha à vontade.

Agora, passo ao Porto, aonde começo por falar na venda de sexta-feira:

O «Cascais» leva 250 jornais para os Bancos. Vende-os todos mas, agora, com um pouco de dificuldade. São as férias...

O Avelino leva 250, também para os Bancos e Caixas, e passa-os todos.

O «Batalhão» leva 300. Passa tudo mas, agora, também por causa das férias, tem mais dificuldade.

O «Perna-longa» substituiu o «Spínola». Leva 250 para os Bancos e Caixas e, por vezes, não os vende todos porque é um vendedor que se encontra há pouco tempo na venda e ainda não conhece bem os habituais fregueses.

Passo à venda de sábado e domingo: Começo por falar do «Algarvio», que vende na Boavista, onde despacha os jornais que leva, mas é um pouco fraco! Mais um bocadinho de esforço... e, pronto, «Algarvio».

O Jorge é um vendedor regular: está sábado no Carmo e ao domingo em S. Mamede de Infesta. Despacha os jornais que leva.

O «Faniqueira» é como o «Algarvio», vende ao sábado no Hospital de S. João e ao domingo na Lapa. Este também podia esforçar-se mais um pouco...

O «Xabregas», no sábado, vende em Gondomar e, no domingo, na Trindade e cafés. Vende os jornais que leva e está de parabéns.

O «Salsichas» segue para Valongo, sábado e domingo. Os Valongueses recebem-no com muita alegria e com muito carinho, e ultimamente tem-se esforçado mais um pouco.

O «Cebolinha» vai para a Batalha e Almas, e, além disso, é um vendedor novo e passa o jornal muito bem.

O «Rebuçados» vende nas Antas. É um dos melhores vendedores. Despacha 200 jornais. Parabéns.

O Dias, ao sábado, não tem zona e ao domingo está na Igreja do S. Sacramento (Boavista). Como o «Algarvio», se se esforçasse mais um pouco...

O «Cascais» vende no Marquês. É bom vendedor. Despacha todos os jornais. E vende, também, em Penafiel e Termas de S. Vicente. Nas Termas, agora, ensina o Mendão que o vai substituir. Leva 130 jornais.

O «Perna-longa», no Alto da Maia e Ermesinde.

O Avelino nas ruas 31 de Janeiro e Clérigos, onde vende bem.

O «Penacova» vai para os Congregados e Avenida dos Aliados onde vende cerca de 200 jornais. É um dos melhores vendedores e, além disso, vai a Paredes, onde consegue passar mais de 80 jornais.

Há pouco tempo, entraram para a venda, o «Lourinho», «Ri-ri», Rocha, Rui, «Régua» e «Zaco». São vendedores que engrenaram há pouco tempo na venda do «Famoso», e pouco experientes.

Caríssimos amigos, por agora termino. Envio a todos os leitores do «Famoso» um grande abraço.

José Alberto Teixeira (Rolita)

Apaixonados de Cristo

Acabara de evocar Pai Américo, como vai noutra lugar. Fora o aniversário de Paulo VI, tornado «Servo dos Servos de Deus». Na 2.ª leitura do officio delas naquele domingo, ocorria um trecho da homília do Papa aos cristãos de Manila em 29/Nov.º/70. Não lhe resisto. Ei-la:

«Ai de mim se não evangelizar! Porque, pelo próprio Cristo a isso fui enviado. Eu sou apóstolo e também testemunha. Quanto mais distante do fim, quanto mais difícil o mandato, tanto mais veementemente a caridade urge de mim. Devo pregar o seu nome: Jesus é o Messias, o Filho de Deus vivo. Ele é quem nos manifesta o Deus invisível, Ele o Primogénito de toda a criatura. O que sintetiza toda a criação. O Mestre e Redentor dos homens, que por nós nasceu e morreu e ressuscitou.

Ele é o centro da História; conhece-nos e ama-nos; Amigo, partilha da nossa vida, Homem da Dor e da Esperança. É aquele que, na verdade, há-de vol-

tar e será então o nosso Juiz e — também assim confiamos — a plenitude da nossa vida e felicidade eternas.

Nem posso nunca deixar de falar dEle: Ele é a luz, a verdade e mais, caminho, verdade e vida; Ele é pão e fonte de água viva que satisfaz a nossa fome e a nossa sede. Ele é Pastor, Chefe, exemplo, nosso consolador e Irmão.

Como nós, mais do que nós, foi pequeno, pobre, humilhado, obrigado a trabalhos, oprimido, paciente.

Foi para nosso bem que falou, fez milagres, fundou um novo Reino onde os Pobres são felizes, onde a Paz é o princípio comum da vida, onde os de coração limpo e os que choram são exaltados e confortados e é prestada Justiça aos que dela têm fome, onde os pecadores podem achar perdão e todos se encontram como irmãos.

Eis Jesus Cristo, do qual certamente recebestes conhecimento e a maior parte de vós estais certos, uma vez que sois cristãos. Por isso, a vós, ó cris-

tãos, repito o seu Nome, a todos o anúncio: Cristo Jesus é princípio e fim, rei do mundo novo e fundamento e suprema razão da nossa História humana. Ele é o Mediador e a Ponte entre a terra e o céu. Ele é máxima e mais perfeitamente do que todos, Filho do Homem, porque é Filho de Deus, eterno, infinito e Filho de Maria, a bendita entre todas as mulheres, Sua Mãe segundo a carne e nossa Mãe pela Comunhão com o Espírito, a alma do Corpo Místico.

Jesus Cristo! Lembrai-vos: É aquele que vos anunciamos para a Eternidade; cujo Nome queremos que ressoe até aos confins da terra em todos os séculos dos séculos.»

Esta é a fala dos apaixonados de Cristo — «o Apaixonante que nunca mais parou de fazer apaixonados».

Estou a ouvir Pai Américo jogando as duas palavras numa hora em que a Palavra de Deus lhe escaldava os lábios e ele tinha de a proferir com aquela necessidade que só os profetas experimentam.

Paulo VI e Pai Américo — dois homens de Deus; duas efemérides. Porque não juntá-los no nosso coração, tão necessitado de abraçar como os dos Discípulos de Emaús naquela tarde?...

É que Jesus continua por aí no meio de nós a desvendar as Escrituras — e tantos, tantos, de coração tão frio!

Padre Carlos

«Os Pobres são os nossos Amigos»

A afirmação que serve de título está inserida em qualquer obra de Pai Américo ou n' O GAIATO, seu diário íntimo. Ele a disse com toda a força da sua alma carismada: «Os Pobres são os nossos Amigos».

E são! Na terra e no Céu. É da Sagrada Escritura.

Rememorando o dia 16 de Julho, passagem da morte à Vida, não poderíamos, hoje, deixar de revelar um caso que nos sensibiliza extraordinariamente: um homem de Paço de Sousa, já na curva da vida, e que só pela Mão de Deus ainda hoje é, esse homem, que fora trabalhador e cabouqueiro na construção da nossa Aldeia, entra, regularmente, sózinho, o nosso portão apoiado num cajado, sobe a frondosa avenida em passo lento, que a chaga na perna e as forças depauperadas pelo tempo não deixam mais. Pára aqui. Pára ali. Uma vez por outra, como fazem os santos, extasia o seu olhar pela imensidade da quinta, pela beleza da nossa Aldeia, pelo Infinito. E a sua face espelha alegria. Quando nos encontramos — ele vem só, não gosta das multidões — são explosões de Sobrenatural!

«Venho matar saudades. Venho olhar p'ra estas paredes q'ajudei a levantar. Venho lembrar e agradecer as sacas de «milhão» (milho) que ele (Pai Américo) nos dava em dias de fome. Venho rezar. Venho dar graças a Deus.»

Oração espontânea cujo mote permanece. E tanto mais expressiva por sair da boca de um Pobre que ressuscitou. «Se não fosse o que V. me dão eu estava há muito ali em baixo.» E aponta, com a mão trémula: «Ali, no cemitério.»

A discreção de se Zé, do qual

REFLECTINDO

Está a acabar mais um ano lectivo, o que tem forte significado para aqueles que atravessam o período de formação e preparação para a vida. Não podemos deixar de olhar para os jovens do nosso País, para quem a vida não sorri. Para caminhar são necessárias metas que alimentem a esperança, para que ela garanta as forças e dê «o sentido». A verdade, entre nós, é que as perspectivas não sorriem àqueles que se

preparam para ocupar o seu lugar na sociedade e nela encontrarem a sua realização humana. Os mais novos ao olharem os mais velhos sobre quem pesam as dores do desemprego, da falta de habitação, da insegurança, não de tremor se forem conscientes e se aprenderam a reflectir sobre o que os rodeia.

Lamentamos as limitações e defeitos do Ensino em Portugal, tememos por aqueles que

hão-de ser homens e mulheres amanhã. Mas o problema não se resume às limitações do Ensino, mas alarga-se a toda a pobreza que permeia em quase todos os sectores da vida. Pobreza que não é tão grave em si mesma, como na falta de consciência dela por parte dos cidadãos do nosso País. Noutras terras as crises foram ultrapassadas pelos esforços somados de cada um. Mas aqui...!

Os resultados escolares dos Rapazes nesta nossa Casa do Gaiato foram razoáveis. Podemos até dizer, que dentro das nossas limitações, os consideramos bastante satisfatórios. Seriam com certeza para nós motivo de alegria se ela não fosse toldada pelo momento que passam os seus irmãos mais velhos que, neste momento, mastigam as dificuldades da vida.

Vários Rapazes que aqui cresceram adiam consecutivamente os seus casamentos por falta de habitação e de condições mínimas, e o pior é que as soluções nem sequer se apresentam... E, como os nossos, quantos por essas terras fora?!

Estas palavras, com certeza, irão encontrar em muitos lares problemas semelhantes aos que apresentamos. Eles atingem muitas famílias portuguesas e são espinhos no momento que passa. Espinhos que podem crescer e multiplicar-se, abafando o viver de todos, se não se empregarem esforços a mudar a situação.

ORAÇÃO

a pedir o bom humor

Dá-me, Senhor, uma boa digestão e também algo para digerir!
Dá-me saúde do corpo e também bom senso para conservá-la bem.

Dá-me uma alma diáfana, Senhor, que tenha sensibilidade para o bem e para o puro e que não se espante diante do pecado mas sempre encontre um meio de ajeitar tudo em ordem.

Dá-me uma alma livre de todo o aborrecimento, que ignore a murmuração, o desabafo e as lamúrias. Não permitas que me preocupe demasiado com aquele algo que se quer impor cada vez mais e a que nós chamamos «Eu».

Dá-me sentido para o humor, Senhor, dá-me a graça de entender uma boa anedota para que eu tenha um pouco de alegria na vida e possa também transmiti-la aos outros.
Amém.

SÃO TOMÁS MORO

Padre Abel

Cont. na 4.ª pág.

- Já temos referido nestas colunas o facto.

A ele voltamos pela sua persistência, agravada cada dia com novos quadros e situações. Referimo-nos ao espectáculo desolador dos pedintes expondo as suas mazelas nos mais variados pontos da Cidade. Cegos, paráliticos, deficientes físicos dos mais variados tipos, não raro acompanhados de crianças de tenra idade, estendem, logicamente nos sítios de maior movimento, as mãos à caridade pública. «Nem que seja só um tostãozinho», dizia um deles, há dias, em plena rua do Carmo, junto ao elevador conhecido pelo mesmo nome. Em

AQUI, LISBOA!

plena baixa e na zona do Chiado, e não só, deparam-se, à maneira daquilo que poderíamos considerar o «ex-libris» da Capital, as mais tristes e expressivas situações de degradação humana.

Febricitante como a vida é, muita gente passa e não dá conta. Outros param e vão deixando os seus óculos, não repugnando admitir que, ao fim de cada dia, sejam recolhidas volumosas importâncias por

alguns dos pedintes. Onde começa a necessidade ou se situa o expediente explorador, desconhecemos. Se as pessoas que dão esmolas se sentem perturbadas no seu íntimo é da profundidade das suas almas. Se se julgam aliviadas das suas responsabilidades também pertence a cada qual dar resposta. Duas coisas, porém, queremos aqui afirmar: o Estado, através dos seus mecanismos, deveria pôr cobro a situações como aquelas que apontamos, indagando e dando solução a cada caso e punindo, quiçá, os oportunistas; a esmola na rua é de si aviltante, para o que dá e para o que recebe, nada resolvendo ao fim e ao cabo, antes contribuindo para uma desumanização progressiva daqueles que a dão e a recebem.

Têm-nos prometido o paraíso e as coisas vão-se agravando cada vez mais. Muitas Instituições foram assaltadas e tornaram-se inoperantes. O «agora é que vai ser» transformou-se em degradação e em nada ser, dizemos nós. Promessas não faltam, mas as realidades falam por si. A miséria alastra ante a passividade das Autoridades, permitindo os extremos mais inqualificáveis, como é, para exemplificar, aquilo a que chamam já o «Goulag do Jamor».

- A hora em que lerdos este número de O GAIATO já teremos recebido mais um dos habitantes do viaduto que vence a antiga estrada de Benfica, depois do Estádio da Luz.

Estivemos lá um dia destes. Tirámos fotografias. O Júlio vai, com certeza, publicar, logo que possa, algumas. «Todos à Rua» está escrito na parede, imperativo desnecessário para aqueles que nela já vivem. Frases alusivas ao Chile parecem querer iludir a própria realidade daquilo que ali mesmo é espectáculo conflagrador. Um homem deitado sobre palha, com um retalho de manta por cima, com crianças andrajosas e cheias de bicharada, sugeriram-nos que democracia e liberdade serão sempre palavras vazias, meramente académicas, enquanto não for assegurado o mínimo de condições de vida e de dignidade para o nosso semelhante. Ao lado do viaduto, um ex-autocarro da Carris transformado em habitação e com a palavra «FOME» escrita num dos topos, é imagem sugestiva, neste ano da Graça de 1978 e em plena Capital.

- Entendemos que os senhores Ministros devem ter ordenados equivalentes às suas responsabilidades e funções. O que não percebemos é que os aumentos agora votados na Assembleia da República, ultrapassem em larga percentagem os atribuídos às outras funções ou trabalhos. «Ou há moralidade ou comem todos», diz o Povo. O exemplo deve vir de cima e a austeridade não deve ser verborreia para uso dos

outros. O decoro não fica mal a ninguém.

- Fala-se na pacificação da família portuguesa. Quem no-la dera! Mas a Paz e a Unidade não se edificam sobre equívocos ou incoerências. Enquanto não forem julgados os que permanecem presos há longos anos e reparadas as injustiças feitas a muitos dos saneados, muitos dos quais nem sequer foram ouvidos ou sequer acusados, não é possível a tranquilidade na Terra portuguesa. As leis devem cumprir-se e aos Tribunais compete a sua aplicação. As possíveis arbitrariedades cometidas por uns, não justificam as de outros. A Justiça não se rege pela «lei» dos

alcatruzes. Há ainda muita gente exilada da Pátria de todos nós que aguarda o seu regresso; há muitas famílias à espera que o pão lhes seja restituído. Cumpriram-se as leis com isenção é o mínimo que se pode pedir para haver paz e harmonia, fazendo justiça e reparando as injustiças.

- Vamos começar com os «peditórios» de Verão, pelas praias e terras de varaneio. Vai ser tarefa difícil e exigente, num tempo em que os Cristãos, não raro, mandam o seu Deus para férias. Se nos ouvirdes, porém, recordai que o testemunho que nos é pedido é de todas as horas.

- A festa em Loures decorreu da melhor forma. Aos Bombeiros Voluntários e a todos os nossos Amigos aqui fica o nosso sentido bem-hajam.

Padre Luiz

NOTAS DA QUINZENA

Ontem foi mesmo um domingo de Verão. Ao nosso lado respirava-se um certo ambiente de festa: um aniversário importante dos nossos amigos Bombeiros de Paço de Sousa e de Penafiel. «Alguns já tiveram a sua vida presa por um fio na luta pelo interesse da vida e bens dos outros» — alguém me disse. Em frente, que a Causa é nobre!

E a nossa Casa também foram chegando pessoas, como de costume. Uma delas era um antigo preso. Veio do Porto e, por coincidência, de bofeia num carro dos nossos Bombeiros. O suor não o deixava quieto. Já não era a primeira vez que nos encontrávamos. Das outras vezes, o desânimo quase tocava o desespero. Falta de trabalho, depois de cinco longos anos e alguns meses numa Cadeia. O traumatismo da solidão das celas, agora de

mãos dadas com a frustração do desemprego. Assim andou vários meses, a bater aqui e a pedir além. E veio ontem desabafar a possibilidade de amanhã arranjar emprego através da Câmara Municipal do Porto. A alegria daquele homem, só pela esperança de ir trabalhar! A confirmação só amanhã virá. Oxalá, não lhe digam não. Senão, tudo vai ser pior do que antes. Que a Esperança, ao morrer, pode fazer lembrar o leão ferido pelo tiro que não foi mortal. E quem não sente hoje o efeito de esperanças caídas, promessas adiadas, sonhos já mortos? Porquê? Explicação não há, quando as explicações são muitas. A ambição, orgulho, oportunismo, comodismo, são já atitudes comuns no dia-a-dia. Ninguém estranha. Até se desculpa. A ser assim, a nossa transformação e a das coisas que nos ajudam a viver, não acontecerão. E é pena!

Aquele ex-presos tem muitos companheiros de luta e de procura. Alguns com certeza saídos da escuridão das prisões. Cá fora, à luz do sol e das estrelas, outra escuridão talvez pior: o desemprego! E há campos por cultivar, indústrias por criar, obras por fazer, ao lado de tanto braço caído! Falta de mentalização e dinamização? De apoio, de legislação (?), de estímulos? Talvez, com certeza, falta dentro de nós o que fora não há — Consciência de Amor ou de Humanidade que todo o Homem nos deve merecer e principalmente os mais pequenos na sorte ou na vida...

O egoísmo, hoje, vai-nos mantendo mais do que as balas reais que ele próprio também fabrica. E se todos não ajudamos a banir, da nossa terra, o desemprego, a miséria humana, moral e material, todos nós iremos caindo nas redes da angústia, nas consequências do crime e da falta de coerência. O exemplo acima da palavra!

Júlio Mendes

Padre Moura

«Os Pobres são os nossos Amigos»

Cont. da 3.ª pág.

não se dá fé, é uma grande lição! Ele não estaciona. Não recua. Cresce na vertical, prolongando-se horizontalmente. E todo este crescimento partilhado — tão peculiar entre os Pobres — todo este crescimento é lição, aqui e agora. Contradizendo por si mesmo, pelo seu testemunho pessoal, uma verdade relativa, de que «santos da porta não fazem milagres».

SETÚBAL

- Nelinho e Henrique têm a obrigação das ovelhas.

Ontem veio um deles com um taipal do curral, para que tirasse dois pregos que estavam virados, «porque podiam aleijar as ovelhas». Eu olhei para o rapaz e para dentro de mim e vi naquele pequenito a imagem dum bom pastor, bem humano. Deixei tudo e fui ajudar o nosso pastor.

- Crisanto (pequeno) e Martins («Rouxinol»), vieram até nós com suas mulheres e

filhos. Ambos foram amamentados em nossa Casa. Eles dão conta de si e para nosso contentamento dão testemunho vivo da nossa Obra. Eles e outros vão sendo ganchos numa corrente que a seu tempo formará um esteio.

Falámos, jantámos, recordámos e, já tarde da noite, foram pr'ós seus lares com promessa de virem mais vezes. Que bons estes «rebuçados» — senão como se suportariam as «ilusões»?!

Ernesto Pinto

RETALHOS DE VIDA

O FAUSTO



Chamo-me Fausto Manuel Lavareda Dionizio.

Nasci em Lisboa no dia 15 de Julho de 1959. Vim para a Casa do Gaiato de Setúbal a 8 de Julho de 1967, onde me encontro há 11 anos.

Meu pai deixou minha mãe antes de eu nascer. Vivi com ela até aos 18 meses; em seguida devido à minha mãe ser «mulher a dias» fui viver com a minha madrinha que é a minha 2.ª mãe, até aos 7 anos. Foi então que ingressei na Casa do Gaiato de Setúbal. Aqui comecei por varrer as ruas. Depois fui para a copa. Da copa transitei para a rouparia e, daqui, para os afazeres do campo e fui chefe dos «Batatinhas». Ao mesmo tempo estudava, pois vim para cá estava na 1.ª classe e desde então não parei, fiz exame.

Então vim para o Lar onde continuei a estudar. Dispensei no 3.º ano do curso geral e actualmente estou no 2.º ano do curso complementar e, no momento em que vos escrevo, estou em exames. Aqui, no Lar, sou o chefe.

Por agora termino com um abraço para todos os amigos e leitores.

Fausto Manuel Lavareda Dionizio

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa